

Embaixador alemão em entrevista ao SAVANA

“Mega-projectos devem beneficiar os moçambicanos”

Por Isadora Ataíde
Naíta Ussene (fotos)

As relações entre Moçambique e Alemanha remontam a 1976 e a cooperação no desenvolvimento data de 1980. Desde então a Alemanha investiu cerca de um mil milhões de dólares no país. O Dia da Unidade, 03 de Outubro, assinala a reunificação da Alemanha, o que potenciou a cooperação nas últimas décadas. Desenvolver a parceria económica entre os dois países é prioridade para o embaixador Ulrich Klockner. O diplomata alemão sublinha que os recursos dos mega-projectos devem ser aplicados no orçamento e que os mecanismos de transparência devem ser reforçados.

SAVANA - Desde 2007 a Alemanha tem um novo olhar e uma nova política para a África. Quais as novas diretrizes de acção das parcerias?

Regularmente fazemos a revisão das nossas políticas, no caso de África o novo conceito relaciona-se a uma mudança na situação. África torna-se mais proeminente no cenário internacional, está em fase de crescimento. Hoje vemos África como um continente vizinho, como um parceiro que se torna mais importante na cooperação económica. E, claro, continua como parceiro na ajuda ao desenvolvimento.

Como as mudanças políticas no Norte de África alteram a estratégia comum Europa-África?

É que acontece no Norte de África é importante para nós, sentimos que podem desabrochar novas parcerias, inclusive económicas, na região. Se a revolução não gerar pobreza e incerteza, a Europa será a primeira a usufruir deste processo. O momento é de optimismo, os governos europeus apoiam as mudanças no Norte de África porque é uma oportunidade para a sociedade civil ter um papel de liderança na construção de novos estados democráticos.

A Alemanha tem uma política para os países africanos de língua portuguesa?

O conceito de parceria em África refere-se sobretudo a região Sub-sariana. Os papéis de

Moçambique e Angola tornam-se proeminentes e cresce o interesse dos sectores empresariais alemães em investir nestes países. Este ano realizámos três conferências na Alemanha para apresentar o país aos empresários nacionais, ficámos surpresos com os mais de 100 empresários que participaram.

Em Moçambique quais as estratégias para se ultrapassar o paradigma da relação doador-receptor?

O conceito principal aqui ainda é o de doador. Isto porque a primeira razão de estarmos aqui é auxiliar o povo moçambicano na luta contra a pobreza e no seu desenvolvimento. Somos parceiros desde 1980 e já investimos um mil milhões de dólares em ajuda ao desenvolvimento. Somos parceiros no G19 e através do grupo dialogamos com o governo. O que é importante agora é desenvolvermos um segundo pilar de parceria: o da cooperação económica. Em Outubro de 2010 iniciamos uma delegação de negócios concentrada nos sectores da exploração mineral, das infra-estruturas e da energia. Não são apenas observadores, mas especialistas a elaborar planos concretos sobre o que pode ser feito. Há diferentes projectos em diferentes estágios e temos ideia do que pode ser feito.

Alargar a cooperação económica e energética são prioridades alemãs, como elas se manifestam em Moçambique?

Muitas empresas alemãs estão a desenvolver projectos nestes sectores, que vemos como estratégicos para o futuro. O nosso mercado não é apenas de grandes empresas, mas sim de um amplo sector de médios e pequenos empreendimentos. Companhias de origem familiar que empregam centenas de pessoas que aperfeiçoam produtos e soluções líderes no mundo. Damos ênfase também à protecção ambiental, qualquer negócio tem impacto e são precisas estratégias para proteger e reabilitar o meio-ambiente, áreas nas quais temos excelência.

A legislação económica e trabalhista requer alterações para o desenvolvimento económico de Moçambique?

A legislação moçambicana é de primeira classe, em especial se a comparamos com outros países africanos. É claro que é preciso observar o processo de implantação das leis. A situação ainda não é ideal e há



Ulrich Klockner, embaixador da Alemanha em Moçambique

complementos a serem feitos, especialmente para as pequenas e médias empresas tornarem-se competitivas e na redução da burocracia.

Qual o montante dos recursos anualmente investidos pela Alemanha em Moçambique e quais os focos da cooperação?

O nosso investimento em Moçambique é de 15 milhões de dólares por ano, e actuamos em três áreas e três províncias - em acordo com a divisão de trabalho entre os doadores e concertada com o governo. Inhambane, Sofala e Manica são as províncias e os pontos focais são a educação, o desenvolvimento económico sustentável e a descentralização. Eu penso que a educação é o mais importante, pois tudo depende da qualificação dos recursos para o ingresso no mercado de trabalho. O trabalho dos doadores com o governo tem sucesso ao oferecer serviços escolares para a maioria das crianças. É um primeiro passo, mas agora temos de trabalhar na qualidade da educação.

No campo da educação profissional quais são as prioridades?

A Alemanha tem um modelo de sucesso em educação profissional, as pessoas vão para a escola e também têm a oportunidade de aprender numa empresa. O problema em Moçambique é que ainda não se tem empresas suficientes para oferecerem a oportunidade de trabalho e aprendizagem. Porém, este modelo pode ser importante para a educação profissional.

estabilidade política. Há uma sociedade civil - poderia ser mais forte, mas está em crescimento - que tem voz e é ouvida pelo governo. Também há um diálogo positivo entre os doadores e o governo. Nós confiamos no governo e na sua habilidade de administrar em prol do benefício da população.

O Instituto Alemão para o Desenvolvimento avaliou que a presidência aberta do Presidente Armando Emilio Guebuza contribui para a centralização do poder político, o que enfraquece a descentralização democrática. Qual a sua opinião?

As presidências abertas são interessantes para os investigadores observarem como funcionam os processos políticos em Moçambique. Eu assisti uma das presidências abertas e surpreendeu-me em dois aspectos: pelo diálogo entre o presidente e a população e pelo mecanismo de diálogo entre o governo e as autoridades locais. A descentralização é um dos nossos focos de actuação, o objectivo final é descentralizar as instituições em todos os cantos do país. Mas este processo é longo, estamos no princípio.

A questão do madgermanes continua em aberto, qual a posição do governo alemão?

Quando os trabalhadores voltaram a Moçambique criamos o Instituto Cultural Moçambique-Alemanha, que tinha como objectivo auxiliá-los no desenvolvimento de projectos e na assistência financeira para iniciarem negócios aqui. Há casos de sucesso entre os que foram apoiados. O

que podemos dizer é que pagamos nossas contas e cumprimos com todas as nossas obrigações. Este problema é entre o governo moçambicano e a sua população. Em 2003 os madgermanes ocuparam a embaixada da Alemanha e o diálogo com eles terminou. Podemos reabrir o diálogo, mas somente para olhar para o futuro e é óbvio que a pré-condição é a não-violência.

Em 2012 haverá uma renegociação entre Alemanha e Moçambique, quais as demandas para a continuidade da parceria?

Sim, será uma renegociação regular. Os pontos focais devem manter-se os mesmos, não podem ser alterados num espaço de tempo tão curto. O que nós enfatizamos ao governo é que o nosso apoio orientado é controverso na Alemanha. As pessoas estão mais cépticas sobre esse instrumento e é importante que sejam demonstrados os progressos, especialmente em relação à transparência. O que se traduz em leis anti-corrupção nas parcerias publico-privadas, por exemplo. Outro aspecto é que os recursos trazidos pelos mega-projectos devem ser aplicados no orçamento de Estado e resultar em benefícios para todos os moçambicanos. Existe regulação internacional para a transparência e o governo moçambicano está atento, porém, queremos ter a certeza de que este será o foco.

Há outras questões importantes?

A crise europeia é um tema que merece destaque. O processo de integração europeia é longo e embora haja muitos resultados positivos, há importantes mecanismos que foram esquecidos. Esta crise não é do Euro, mas sim de défice, todos os países gastam mais dinheiro do que têm. Angela Merkel disse recentemente que a crise não é o "Big Bang", a situação é complexa e leva tempo a ser resolvida. Porém, a solução será mais Europa e não menos Europa e todos os países ficarão felizes por manterem-se no Euro.



Recursos dos mega-projectos devem ser aplicados no orçamento

publicidade

www.tvcabo.co.mz

tvcabo

Tem tudo a ver!

Internet 10

Mais canais de TV

TV e internet num só lugar.

Tão bom que vais querer ver tudo ao mesmo tempo.

Liga já 21 480 550 ou vai a uma loja TVCABO e assinala